



Casa
Fernando
Pessoa

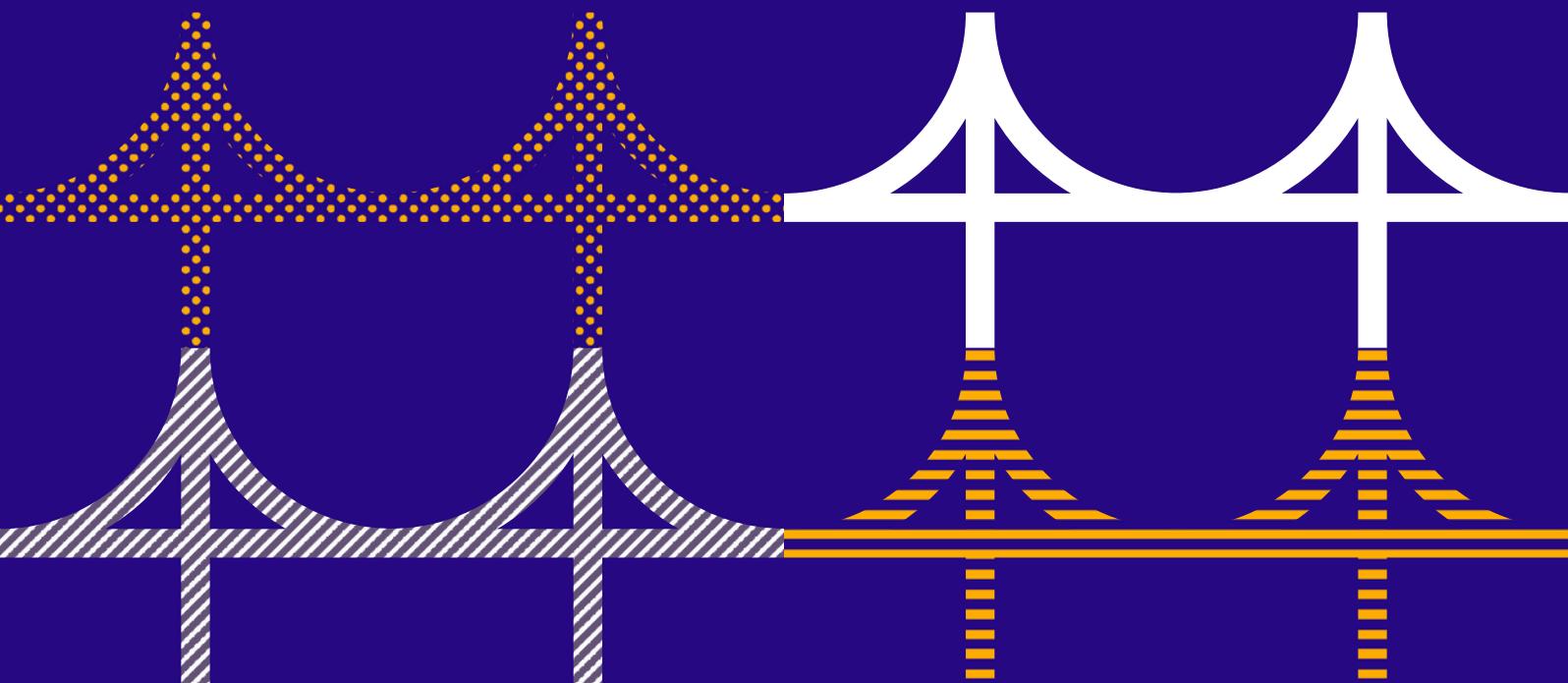
LUGAR DE LITERATURA

 EGEAC

24, 25, 26
JUN'22

Lisbon Revisited

Dias de Poesia



Outra vez te revejo — Lisboa e Tejo e tudo

- 4 Programa**
- 7 Biografias Poetas**
- 8 Ana Martins Marques
- 12 Felipe Benítez Reyes
- 14 Hírdina Joshua
- 16 João Paulo Esteves da Silva
- 18 Manuel Rivas
- 20 Maria do Rosário Pedreira
- 22 Miguel Cardoso
- 24 Tatiana Faia
- 27 Luca Argel
- 29 Biografias Moderadores**
- 30 Aldina Duarte
- 31 José Luís Costa
- 32 Paola D'Agostino
- 33 Susana Moreira Marques
- 34 Vasco Gato

O encontro internacional de poesia que junta poetas de diferentes lugares e modos de escrita na Casa Fernando Pessoa regressa nos dias 24, 25 e 26 de junho. Nesta quarta edição, aos autores portugueses juntam-se poetas de Espanha, do Brasil e de Moçambique.

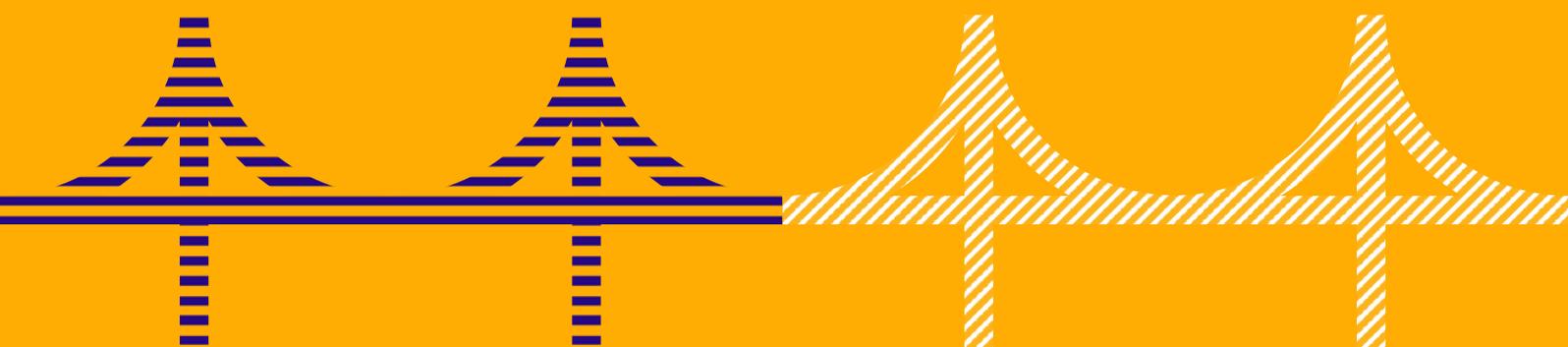
Lisbon Revisited – Dias de Poesia é uma oportunidade para ouvir e conversar informalmente com os poetas convidados sobre livros publicados e por publicar, percursos na escrita, ressonâncias poéticas, traduções, sugestões de leitura.

Os espanhóis Felipe Benítez Reyes e Manuel Rivas, a brasileira Ana Martins Marques e a moçambicana Hironcina Joshua juntam-se a João Paulo Esteves da Silva, Maria do Rosário Pedreira, Miguel Cardoso e Tatiana Faia para três tardes de convívio, que incluem entrevistas e leituras feitas pelos próprios poetas.

Para conduzirem as conversas convidámos moderadores que, para além de serem atentos leitores de poesia, são também, todos eles, escritores: Aldina Duarte, José Luís Costa, Paola D’Agostino, Susana Moreira Marques e Vasco Gato.

O encerramento do programa acontece ao som de Luca Argel, numa performance que junta música e poesia, os dois mundos que habita.

Programa



24 JUN Sex
19h · Duração: 120'

Abertura
**Leituras com
todos os poetas**

25 JUN Sáb
15h · Duração: 60'

Conversas e Leituras
Maria do Rosário Pedreira PT
Moderação: Aldina Duarte

16h30 · Duração: 60'

Manuel Rivas ES
Miguel Cardoso PT
Moderação: Susana Moreira Marques

18h · Duração: 60'

Tatiana Faia PT
João Paulo Esteves da Silva PT
Moderação: José Luís Costa

26 JUN Dom
15h · Duração: 60'

Conversas e Leituras
Felipe Benítez Reyes ES
Moderação: Vasco Gato (em castelhano)

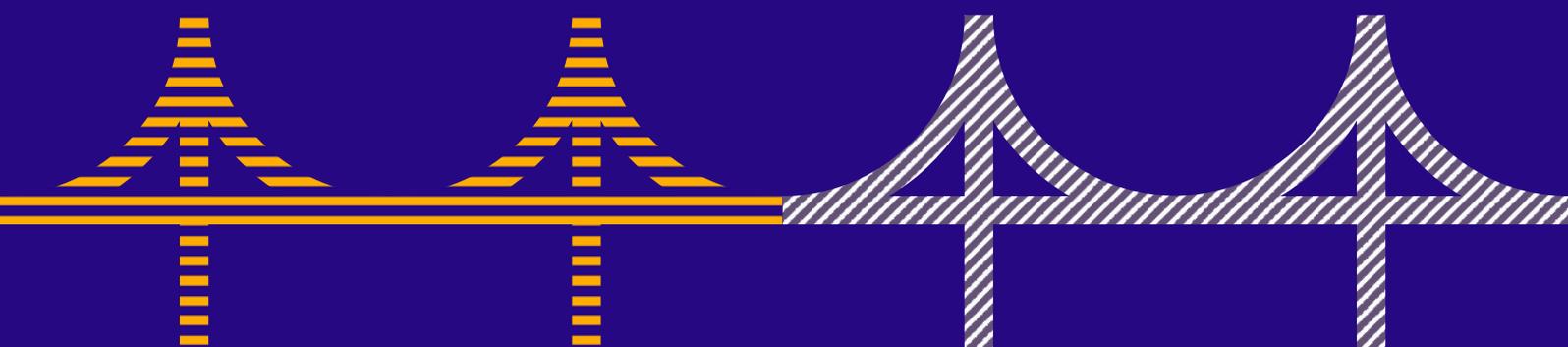
16h30 · Duração: 60'

Ana Martins Marques BR
Hirondina Joshua MZ
Moderação: Paola D'Agostino

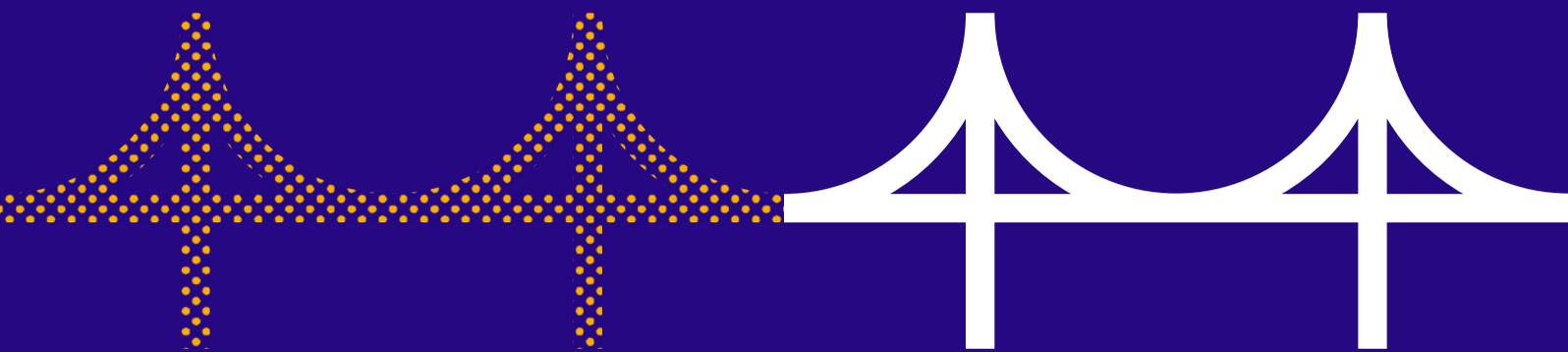
18h30 · Duração: 60'

Encerramento
Luca Argel BR/PT
Acima da rima a nota da canção
Performance de poesia e música

Biografias



Poetas





Ana Martins Marques

Nasceu em Belo Horizonte, Brasil, em 1977. É formada em Letras e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Publicou os livros de poemas *A vida submarina*, *Da arte das armadilhas*, *O livro das semelhanças*, *O livro dos jardins* e *Risque esta palavra*, entre outros. Recebeu vários prêmios, entre eles o Prémio Cidade de Belo Horizonte, o Prémio Literário da Fundação Biblioteca Nacional e o 3.º lugar do Prémio Oceanos (2016). Uma antologia de poemas seus foi publicada em Portugal pela editora Douda Correria, com o título *Linha de rebentação* (2019).

Um café com a Medusa

Ou será então que você acredita, teria ela, escreve Beyle, ainda acrescentado, que Petrarca foi infeliz só porque nunca pôde tomar um café?

W. G. Sebald, Vertigem

Tudo o que com os olhos toco
ela diz
transformo em pedra

mas tudo é já
desde sempre pedra
pó futuro

seus pais eram filhos do mar e da terra
cetáceos de um mundo arcaico
informe ainda
mas ela é mortal
destinada, como nós, ao pó

Ovídio diz ter sido justo e merecido
o castigo que lhe impingiu Atenas
transformando seus cabelos em serpentes
porque ela se deitara com Poseidon

são desde sempre as mulheres, ela diz,
condenadas pelo que fazem no leito

desde sempre amputadas
de suas terríveis cabeças

mas hoje estamos velhas
ela e eu
cansadas de refletir o tempo
como um escudo

só queremos tomar nosso café

cada serpente que lhe adorna a cabeça
fala em uma língua
e a traduz

mas na realidade
falamos pouco
enquanto olhamos o porto
e ela ajeita as asas
na cadeira
cúmplices
ela e eu
(embora eu evite
confesso
olhá-la nos olhos)
tomamos nosso café quase
em silêncio

ela diz que agora sonha apenas com o mar
que seus cabelos são algas e não serpentes
e que dançam lentamente no fundo de um oceano
cheio de monstros, como são os oceanos,
lagostas enormes e águas-vivas
e outras incongruências marinhas
corais e conchas que são
como estojos
e baleias que vivem até duzentos anos

o que para ela é nada, alguns segundos
como de fato é

e rimos as duas
que duas velhas sonhem ainda
e sempre o sexo

é talvez o que há no desejo de mais cruel
quando nele há tanto de cruel:
que ele dure, continue
e às vezes seja só desejo
do desejo
e seja móvel e mesmo
como o mar

aos que não têm mais pátria
seja porque se exilaram
seja porque o país se exilou de nós
e toma a forma dos nossos pesadelos
seja porque na realidade não há países
mas extensões variáveis de terra
que as nuvens sem passaporte
atravessam
resta só a memória do mar
ela diz
batendo inutilmente

o mar e o café
ela diz
e, a cada qual,
suas serpentes

Poema de *Risque esta palavra*, São Paulo
Companhia das Letras, 2021



Felipe Benítez Reyes

Nasceu em Rota, Cádiz, em 1960. É poeta, romancista e autor de artigos de opinião. Ganhou o Prémio da Crítica de Poesia Castelhana, o Prémio Ateneo de Sevilla (romance), o Prémio internacional de Poesia da Fundação Loewe, o Prémio Hucha de Oro (conto), o Prémio Julio Camba (jornalismo), o Prémio Nadal (romance) e o Prémio Nacional de Poesia, entre outros. Os seus livros estão traduzidos para inglês, italiano, francês, romeno, português e russo. A sua poesia está reunida nos volumes *Trama de niebla* e *Libros de poemas*. Entre os romances, destacam-se *El novio del mundo*, *El pensamiento de los monstruos*, *Mercado de espejismos* e *El azar y viceversa*. Os contos estão compilados no livro *Oficios estelares*. Em português publicou *Privilégio de Penumbra*, com tradução de Vasco Gato (Abysmo, 2018).

A Tempestade

Aquelas ondas que rebentam subitamente à beira-mar
com um quê de lamento e de rugido,
entrançando as suas espumas violentas
como quem desenha a sua amargura.

Ondas que parecem falar aos gritos
de naufrágios e abordagens,
de lugares gelados, com mortalha de neve,
e de travessias interrompidas por águas sem governo
em frágeis naus de destino indefinido,
em séculos de incerteza e aventura,
em páginas de Homero e Joseph Conrad.

Invade hoje o mar a terra firme
como um argumento de autoridade e desconsolo,
vestido com o escuro de um sono abrupto,
liberto de azul e de limites para ser
o mar que por umas horas se fustiga a si mesmo,
o labirinto caótico que as águas escondem
no seu fundo calado,
em jeito de consciência magoada.

Neste estrondo de poder
retumbam mil batalhas do passado,
mil rangidos de enxárcias e de mastros,
o doce lamentar de mil sereias.

Teatro de soberba e absurdo,
o mar revolto.
Teatro de panos rasgados
por um gancho de prata.

O mar que vai gritando o seu discurso de pesar.

O senhor de um império na sua cegueira.

As suas ondas da cor da cinza.

A sua forma de sofrer junto de nós.

Poema de *Un mentido color*, Visor, Madrid, 2021

Tradução de Vasco Gato para Lisbon Revisited — Dias de Poesia 2022



Hironidina Joshua

Nasceu em Maputo, Moçambique, em 1987. É poeta, escritora, membro da Associação dos Escritores Moçambicanos. É redatora da revista *InComunidade* (Portugal) e curadora do projeto literário no Mbenga Artes & Reflexões. Publicou os livros de poesia *Os Ângulos da Casa* (Fundação Fernando Leite Couto, 2016), *A Estranheza Fora da Página* (co-autoria Ana Mafalda Leite, Húmus, 2021) e *Córtex* (Exclamação, 2021) com prefácio Joana Bértholo. Publicou também *Um Levita À Sombra dos Altares* (Húmus, 2021), conto. Integra a antologia digital *Português, Lugar de Escrita — Mulheres na poesia* (2021), uma edição da Embaixada de Itália em Lisboa e da Casa Fernando Pessoa, no âmbito do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP.

não quero que se confusioem as coisas confusas
chamar é um acto fulminante
o nome das crianças está acordado na parte oblíqua da letra
o segredo é inclinar o corpo ensinar as paredes do cedro as criações
[abertas do átomo

poema de *Córtex*, Editora Exclamação, Porto, 2022



João Paulo Esteves da Silva

Músico, poeta, tradutor, nasceu em Lisboa, em 1961. Gravou e publicou dezenas de discos em várias editoras. Publicou também nove livros de poemas, a maior parte deles na editora Douda Correria, de que se podem destacar os mais recentes *O coração do Adão* (2019), *Missangas* (2020), e ainda *Prelúdios* (em colaboração com Manuel de Freitas, Alambique, 2020). Tem colaborado regularmente em revistas e antologias. Traduziu para teatro Beckett, Ibsen, Strindberg, Pasolini, Stoppard, Rostand, Albee, Molière, Shakespeare, Dumas, Leroux, entre outros. Para a Douda Correria traduziu poetas como Mordechai Geldman, Chus Pato, Bernard O'Donoghue, Alejandra Pizarnik e a bíblia hebraica. A sua poesia está vertida em hebraico e publicada em Israel pela editora Keshev.

Amarás a repetição

Nestes últimos tempos, acordo cedo,
já desisti de ficar a revirar-me na cama, levanto-me.
São seis e meia da manhã; sento-me na cozinha
com um prato de cerejas, mastigo a olhar para o quintal.

As quatro cadeiras de madeira velha, em ligeira desordem,
parecem estar ocupadas, mas não há ninguém, nem vento.
Dantes, cuspia estes caroços do alto de um quinto andar
tentando acertar nos tejadilhos dos automóveis que passavam.

Pouso os caroços no prato, imagino o som do choque na chapa
e olho lá para fora, para a cena de luz coada que muda lentamente.
Entra um pardal, estrebucha, saltita, faz uma vénia e sai pela direita.
Há mais pardais, ao fundo, na sombra, ou seria o melro?

Vejo os pequenos milagres: o damasqueiro, condenado pela ciência,
há mais de dez anos que vive além da morte com folhas e frutos;
e a magnólia teria trocado, já, todas as flores por folhas, mas não;
uma flor solitária, estranha, persiste e resiste, meio aberta.

Tudo isto fala, tudo isto tem um sentido oculto, ah pois tem;
mas não quero saber qual é, ao certo, aliás, esse é o busílis—
o sentido disto nunca é ao certo, nada é menos certo que o sentido
disto.

As nuvens movem-se, desviam-se, cresce muito a luz.

Aparece o ar, radioso, cheio de pó, teias e insectos.
O frigorífico deixou de ronronar e reparo que existiu
porque só agora ouço, mezza voce, os chilrreios da passarada.
Respiro fundo; shabat shalom, e seja a manhã louvada!

22/06/2019

Poema inédito



Manuel Rivas

Nasceu na Corunha, Galiza, e escreve originalmente na língua galega. Começou a trabalhar no jornal *Ideal Gallego* aos 15 anos. Entre as suas obras de poesia encontram-se *O pobo da noite* (1997), *A desaparición da neve* (2009), *A boca da terra* (2016) e o recente *O que fica fóra* (2021), prémio Follas Novas em maio de 2022. Recebeu em cinco ocasiões o prémio da Crítica galega e espanhola. Foi prémio Nacional de Narrativa pela obra *Que me queres, amor?*. As suas duas últimas obras são de ensaio crítico: *Contra Todo Isto* e *Zona a defender*. É codiretor da revista mensal de reportagens e cultura alternativa *Luzes*, editada na Galiza e em galego. A sua prosa está publicada em português, nas editoras Dom Quixote e Faktoria K de Livros.

A hora de ir para as malvas

Não, eu não queria morrer.
É verdade o que diz a lápide.
Eu não queria morrer.
Nunca me interessou essa experiência do Além,
nem sequer as macieiras de Avalon.
Antes uma excursão a Valença do Minho,
ida e volta no mesmo dia,
com um conjunto de facas como presente.
Eu era feliz a ouvir o assobio imortal do amolador.
E era feliz a abrir a caixa do correio
todas as manhãs.
Ninguém manda cartas,
mas há sempre qualquer coisa.
Essa alegria da publicidade barata.
O Lidl anuncia uma fita métrica
com telémetro a laser.
Como eu era feliz sabendo as medidas de rios e montanhas.
Muito que isso me ajudou a vender enciclopédias.
Quanto mede o equador da Terra?
Os pais olhavam para o filho e naquele espanto familiar
de não saber
eu percebia a esperança.
Eu era feliz com os 40.075 quilómetros do perímetro terrestre,
os 8.849 Metros de altitude do Evereste
e os 6.650 quilómetros de comprimento do Nilo.
John Fitzgerald Kennedy foi morto às 12.30 horas
de 22 de Novembro de 1963.
Era assim que punha freio a algum fanfarrão
a jogar dominó.
Eu era feliz a jogar dominó no café da Barra.
Como Sun Tzu,
mantinha-me impenetrável e obscuro,
mas quando movia uma peça
ela caía como um raio.
Eu era feliz a ver o relampejar na noite
à volta do farol.
E era muito feliz a ver o mar
na rebentação do orzán.
O mar dá de tudo.
Até dá que pensar.
Eu, como o mar,
não queria morrer.

Poema de *O que fica fóra*, Apiário, Coruña, 2021

Tradução de Vasco Gato para *Lisbon Revisited* — Dias de Poesia 2022



Maria do Rosário Pedreira

Nasceu em Lisboa, em 1959. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas. Depois de uma breve passagem pelo ensino, ingressou na carreira editorial, sendo hoje editora de literatura portuguesa. Escreveu vários livros juvenis, um romance e contos, mas é sobretudo conhecida como poeta, tendo publicado cinco livros, os quatro primeiros coligidos num volume com o título *Poesia Reunida* (2012), distinguido com o *Prémio Fundação Inês de Castro*. Está traduzida em várias línguas e publicada em volumes independentes, revistas e antologias em diversos países. É ainda autora de letras para fado e canções. Tem um blogue sobre livros, *Horas Extraordinárias*, e escreve regularmente crónicas para a imprensa.

seios

Mãe, oxalá eu nunca tivesse largado a tua mão:
com o menino ao colo, fez-se a estrada maior do
que o meu desespero, amarrotou-se de velho meu
coração tão claro. Eu tinha catorze anos antes

do estrondo, catorze anos e meio antes do teu
grito, quinze anos cumpridos quando afastei o
véu dos teus cabelos: se me dizias sempre que não
fosse para longe, porque pediam o contrário os
teus olhos parados? Ainda por cima, mãe, chegar

ao campo foi como bater a uma porta cansada –
mil tendas que eram velas remendadas, barcos para
ficar de novo pelo caminho. Trouxeram-nos mantas
cheias de perguntas; tentaram-me com doces
para me pôr no lugar; mudaram ao meu irmão
a fralda com as mãos frias. Mãe, eu disse-lhes que

o menino era meu; e agora, quando ele procura os
teus seios no meu corpo sem formas, cubro com
o teu véu os meus cabelos e canto-lhe baixinho
canções de açúcar. Não sei que idade tenho, mãe,
mas oxalá eu nunca tivesse largado a tua mão.

Poema de *o meu corpo humano*, Quetzal, Lisboa, 2022



Miguel Cardoso

Vive em Lisboa, onde nasceu, em 1976. Completou um MA em English Studies em Birkbeck College, University of London. Leciona na Universidade Lusófona, no DocNomads, Mestrado Erasmus Mundus em Cinema Documental. A par de textos dispersos em periódicos e antologias, publicou sete livros de poesia, entre eles *À barbárie seguem-se os estendais* (&etc, 2015), *Víveres* (Tinta-da-china, 2016) e *Mais de mil anos* (Douda Correria, 2017). Uma versão breve do livro *Passageiros* (ainda por editar em português) foi publicada, com tradução de Odile Kennel, na antologia *Stippvisiten* (Elfenbein Verlag, 2021). Traduziu recentemente textos de Miyó Vestrini (Barco Bêbedo), Anne Boyer (Tinta-da-china) e Sean Bonney (Douda Correria).

16.10.2019

Relembro os princípios e as partes que ficaram
pelo caminho sortes dias claros que cobri de sal

Posto isto, preparo o café,
percorro a casa, além disso
a terra com os próprios olhos

Era uma câmara de ar
Era o meio de Outubro

quando as vidas
se despem frente a um espelho alto
com livros e roupa numa pilha lá atrás
ajeitam-se ao inverno
improvisam o repouso numa só ponta do pé
e se voltam por cima
do ombro para o relento

*

Que dia é hoje

Passageiros
(inérito em português)
Stippvisiten, *Elfenbein Verlag*, Berlim, 2021, trad. Odile Kennel



Tatiana Faia

Nasceu em 1986. É autora de quatro livros de poemas: *Lugano* (Artefacto, 2011), *teatro de rua* (do lado esquerdo, 2013), *Um quarto em Atenas* (Tinta-da-china, 2018) e *Leopardo e Abstracção* (Fresca, 2020), e de um livro de contos, *São Luís dos Portugueses em Chamas* (Enfermaria 6, 2016). Em 2019, o Prémio Pen de Poesia foi atribuído a *Um Quarto em Atenas*. É uma das responsáveis, com João Coles, José Pedro Moreira e Victor Gonçalves, do projeto editorial independente Enfermaria 6. É doutorada em Literatura Grega Antiga com uma tese sobre a *Ilíada* de Homero. Traduziu para português Homero e Anne Carson. Vive e trabalha em Oxford.

a primeira cor do dia

a partir de Cy Twombly, *Night Watch* 1966

a atenção prestada à noite
é esta porta que bate como um ponto final
e se torna uma obsessão muito particular por uma cor
e agora é só essa cor que domina
toda a geografia
de uma parte de um dia

onde é difícil falar de como
as linhas brancas revelam o volume
acidental de corpos tão agudos
que são só arestas
a noite quase um lume nas linhas
primordiais que são quase sempre
a primeira evidência dos poemas
a possibilidade da expressão total de um corpo
quando encontra a tela certa

casou-se primeiro com uma mulher
chamada tatiana
disse-me alguém uma vez
e nunca pensei neste quadro em via dei librai
onde a primeira figuração da noite
seria a intolerável hora de uma esperança
a irresolúvel dimensão de alguém
tão vulnerável e despojado
nessas linhas brancas que em qualquer noite
são casas acidentais
bares onde te sentas para beber
umbrais que conheço
e se separam e se multiplicam até ao infinito
com as suas perguntas difíceis
as suas angustiadas inquietações
um sentimento que assenta como um cerco
com o seu peso
e com a beleza da sua cor absoluta

a clareza de uma escuridão
isto é
a clareza despojada e quase clássica da escuridão
é da ordem da primeira cor do dia
do mistério que a noite tem sempre
e é sempre irreproduzível

a primeira cor do dia é a noite
que ressurgue por acidente
na cor do café de manhã
interrogativa como as casas
diante das quais
permanecemos por demasiado tempo
uma forma de segredo suspenso
de como atravessamos todo o tempo
e numa errada tentativa
suportamos de olhos abertos
uma duração letárgica e triste
para chegar à paixão
de apenas duas cores essenciais
e exactamente o contrário uma da outra

*Palermo, Roma, Oxford
Março de 2022
(inédito)*



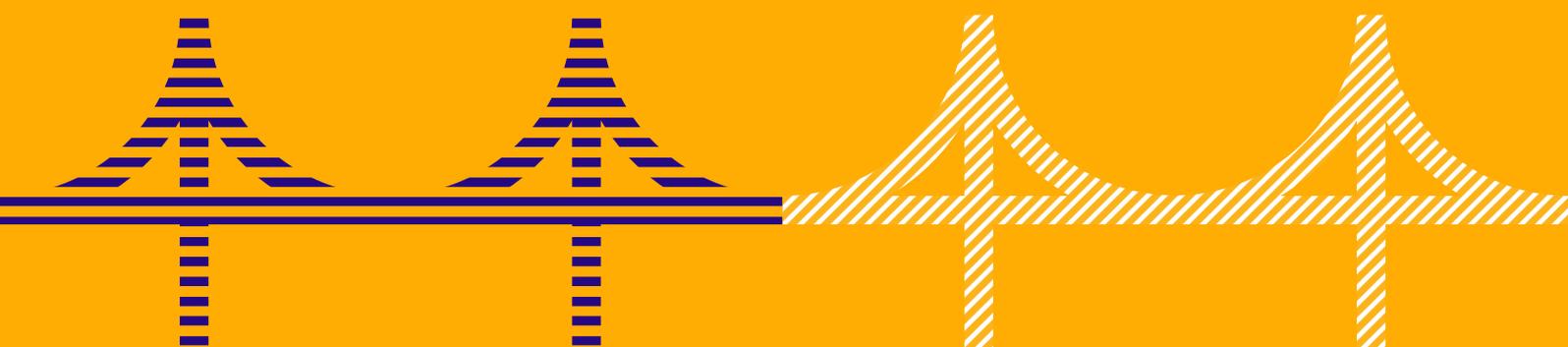
Luca Argel

PERFORMANCE DE ENCERRAMENTO

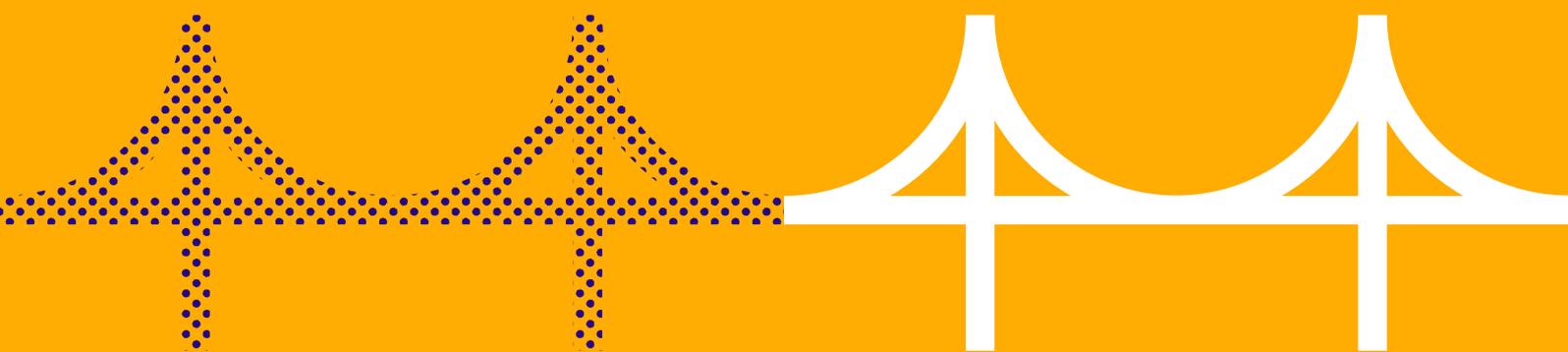
Acima da rima a nota da canção

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1988. É graduado em música pela UNIRIO e mestre em literatura pela Universidade do Porto. Vive, desde 2012, em Portugal, onde trabalha como cantor e compositor. Tem livros de poesia publicados no Brasil, em Espanha e em Portugal: *esqueci de fixar o grafite* (7letras, 2012), *Topadas no Escuro* (Megamini/ 7letras, 2015), *uma pequena festa por uma eternidade* (7letras, 2016), *33 Rotações* (Averno, 2017), *CONTEMSPOILERS/Livro de Reclamações* (Miasoave/ Douda Correria, 2017), *Fui ao Inferno e Lembrei-me de Ti* (Averno/ 7letras, 2019). Lançou quatro álbuns, o último dos quais, *Samba de Guerrilha*, é resultado de uma pesquisa continuada sobre a história política do samba. Nesta performance de voz e guitarra, Luca Argel conduz-nos por um passeio entre poemas e canções que marcaram a sua trajetória como intérprete, compositor e poeta.

Biografias



Moderadores



© ISABEL PINTO



Aldina Duarte

MODERAÇÃO

É reconhecida como uma das grandes vozes atuais do Fado. A sua paixão pela literatura leva-a a uma escolha cuidadosa dos poemas que interpreta, sendo ela própria autora de muitas das suas letras, escrevendo, também, para fadistas da nova geração. Colabora frequentemente em acontecimentos interdisciplinares que cruzam o Fado com outras expressões artísticas e culturais, em colaboração com personalidades como José Tolentino de Mendonça, Pedro Cabrita Reis e Ruy Vieira Nery, entre outros. É autora ela própria de diversos projetos de difusão do Fado. Tem igualmente realizado diversas conferências sobre os temas da música, da literatura e das questões de género nas artes, nomeadamente na Fundação Calouste Gulbenkian, em vários festivais literários e nos Festivais de Fado de Madrid, Sevilha, Bogotá e Buenos Aires.

© PEDRO SERPA



José Luís Costa

MODERAÇÃO

Nasceu em 1978, em Lisboa, cidade onde vive. Estudou Línguas e Literaturas Clássicas e Interpretação de Conferências na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Publicou três livros de poesia: *20 Poemas a Anton Webern*, *Da Madragoa a Meca* (ambos na &etc) e *Canto da Alforreca* (Douda Correria). Trabalha como intérprete freelance. Quando pode, traduz, como aconteceu com a autobiografia de Keith Richards, banda desenhada de Ruppert & Mulot ou poemas de Robert Creeley, Katerina Gógou ou Cédric Demangeot.

© ESTELLE VALENTE



Paola D'Agostino

MODERAÇÃO

Nasceu em Itália, em 1975. Licenciada em Literatura Portuguesa Contemporânea, desde 2000 vive em Lisboa, onde exerceu diversas atividades nas áreas da edição, tradução, ensino e assessoria de imprensa. Publicou os livros de ficção *Tancredi*, *O Napolitano* (VS, 2021), *Este Frio e Outras Histórias de Amor* (Fenda, 2011), *Largo das Necessidades* (Fenda, 2006) e de poesia *Dançam; Dançam* (Editora A Tua Mãe, 2014, com Marta Navarro) e *Catar Catataus* (Douda Correria, 2015). Tem textos publicados em revistas e antologias em Itália, Alemanha, Brasil e Portugal. Traduziu para italiano Eduardo Lourenço, Maria Gabriela Llansol e Cesário Verde, entre outros autores.

© WIKTORIA BOSCH



Susana Moreira Marques

MODERAÇÃO

É autora dos livros *Quanto Tempo Tem um Dia* (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020) sobre maternidade, e *Agora e Na Hora da Nossa Morte* (Tinta-da-china, 2012), um trabalho de narrativa de não-ficção sobre o fim de vida que foi traduzido para inglês, francês e espanhol. Os seus textos já apareceram na *Granta*, *Tin House*, *Literary Hub* e muitas outras revistas em várias línguas. Como jornalista, colaborou com o *Público*, *Jornal de Negócios*, *Antena 1* e *BBC World Service*. Atualmente, é cronista no jornal *Mensagem*, ensina narrativa de não-ficção na Casa Mombak e colabora em projetos de cinema e televisão.



Vasco Gato

MODERAÇÃO

Nasceu em Lisboa, em 1978. Publicou em 2000 o primeiro de treze livros de poesia, intitulado *Um Mover de Mão* (Assírio & Alvim). Em 2016, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda lançou a reunião da sua obra poética com o título *Contra Mim Falo*. Publicou ainda *Daqui Ninguém Entra* (Companhia das Ilhas), texto teatral estreado em 2016 no Teatro da Comuna. Em 2020, saíria o seu primeiro romance, *Adius* (Abysmo). Trabalha desde 2006 como tradutor literário, colaborando com as principais editoras portuguesas. Escolhe e traduz autores estrangeiros não editados em Portugal para o programa Nada Será Como Dante da RTP2. Para o Lisbon Revisited - Dias de Poesia, traduziu os poemas de Felipe Benítez Reyes (do castelhano) e os de Manuel Rivas (do galego).

FICHA TÉCNICA

Organização

Casa Fernando Pessoa/EGEAC

Direção

Clara Riso

Fátima Campos (adjunta)

Apoio Administrativo

Carla Antunes

Produção

Inês Cunha

Ana Braga

Comunicação

Liliana Pacheco

Ana Braga

Design

atelier-do-ver

Vídeos

Within the Groove

Fotografia

José Frade

Vitorino Coragem

Spot

Andreia Almeida (voz)

Tiago Schwabl (gravação)

Bruno Santos (música)

Venda de livros

Distopia

Apoio

Instituto Cervantes Lisboa

Editora Exclamação

Apoio à divulgação

Antena 1

Antena 2



Casa
Fernando
Pessoa

LUGAR DE LITERATURA

casafernandopessoa.pt

APOIO

